

## A ESCOLA EM DUAS POPULAÇÕES TRIBAIS

*Sílvia Coelho dos Santos*

(Faculdade de Filosofia, USC, Florianópolis)

A situação de contacto permanente entre tribos indígenas e a população néo-brasileira permite-nos — com bases em dados colhidos entre os Tukúna, no Alto Solimões, e os Xoklég, no Município de Ibirama, em Santa Catarina<sup>1</sup> — fazer algumas considerações que talvez sejam úteis para se orientar o processo de aculturação dessas populações tribais através de estabelecimentos de ensino que o Serviço de Proteção aos Índios ou outras entidades, governamentais e particulares, mantêm ou venham a manter nas respectivas áreas. Trata-se de imprimir à escola um cunho que a torne instituição capaz de facilitar a integração do índio na vida sócio-econômica regional. Para tanto, é preciso que o processo educacional se fundamente em princípios claramente delineados.

Não obstante as vantagens que traria, não é possível o ensino bilingüe aos grupos indígenas brasileiros, já pela falta de professores habilitados, já pelo alto custo, visto que os grupos tribais falam os mais variados idiomas e possuem escassa população. Além disso, tornar-se-ia imprescindível a criação de uma literatura escolar específica para cada grupo. Daí porque o SPI e diversos professores a êle ligados formularam programas — se bem que mínimos — em português, exclusivos para o ensino dos grupos silvícolas. Sua aplicação entretanto deve levar em conta a situação real das escolas. Os resultados da rápida análise que nos propomos fazer aqui para os Tukúna e os Xoklég, poderão até certo ponto estender-se às demais populações índias em contacto permanente com a civilização.

### *1. O funcionamento das escolas*

I. Uma escola do SPI vem funcionando há oito anos no “Pôsto Indígena Ticunas”, e durante êsse tempo, nenhum aluno logrou promoção para a segunda série, ou seja, nenhum foi alfabetizado. Atualmente as aulas são ministradas por um professor da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo que, trabalhando no município-pilôto de Benjamim Constant, resolveu colaborar com o Pôsto Indígena, que não tinha recursos financeiros para contratar um mestre. A matrícula registra 78 alunos, 56 do sexo masculino e 22 do sexo feminino. O comparecimento às aulas acusa média mensal de 65%. A idade dos alunos varia entre 10 e

19 anos e diversos dêles fazem cópias perfeitas, sem saber ler o que escreveram; outros lêem textos completos, sem conseguir interpretar ou mesmo compreender o que leram. Não há atividades recreativas na vida diária da escola, tampouco são ensinados rudimentos de agricultura e artesanato.

II. No Igarapé São Jerónimo há uma escola estadual, Escola Isolada de Vendaval, que não aceita como alunos os filhos dos Tukúna. A professora afirma que “os Tukúna não aprendem” e que “não vai perder tempo a ensiná-los”. Excusado é dizer que essa mestra não tem formação profissional adequada e o próprio ensino que ministra aos “civilizados” se justifica apenas em face das condições ali vigentes. Os alunos não vão além da cartilha e das quatro operações fundamentais — e isto após três ou quatro anos de ensino.

III. Em Santa Rita as professoras das Escolas Reunidas “Gilberto Mestrinho” acham que “os Tukúna são difíceis de ser ensinados” ou “são como animais e só fazem o que a gente manda”, não os admitindo por isso à matrícula. A Missão Protestante, ali sediada, pretendia iniciar atividades escolares entre os Tukúna, e exclusivamente para êstes, para o que a população indígena construía uma casa. Informou-nos o pastor que iria valer-se do ensino bilingüe<sup>2</sup>. Confiava no êxito de sua experiência devido ao descontentamento dos Tukúna gerado pelo fato de seus filhos, quando alunos da escola da Missão em Santa Rita, ficarem ali inteiramente segregados dos “brancos”. Aliás, nessa vila a segregação é de tal ordem que os Tukúna possuem o seu próprio templo, os seus times de futebol, etc., não tendo oportunidade para relações mais estreitas com organizações congêneres dos “civilizados”.

IV. No “Pôsto Indígena Duque de Caxias”, o Município de Ibirama, funciona a Escola Getúlio Vargas do SPI. Criada para os Xoklêng, que foram pacificados em 1914, conta com 43 alunos: 18 do sexo masculino e 25 do sexo feminino. Alguns dêstes alunos pertencem a famílias Kaingáng e Guaraní, que vivem nas proximidades. A freqüência média às aulas é de 81% e apenas 8 alunos freqüentam a segunda série<sup>3</sup>. Verificamos que, desde 1940, data da criação da escola, diversos alunos índios aprenderam a ler e a escrever. O atual professor, filho de mãe Xoklêng e pai “civilizado”, segue métodos de todo superados. Afirma ensinar somente o que aprendeu com seu professor, na própria escola do pôsto, e às vêzes consulta um colega de alguma escola vizinha. Embora exista no estabelecimento material necessário ao funcionamento de um clube agrícola, não há ensino de agricultura e de outras técnicas, nem se cuida de atividades recreativas.

## 2. A situação interétnica e a escola

Embora em contacto secular com nossa civilização, os Tukúna mantêm em grande parte a sua cultura, principalmente a língua. Por neces-

sidade apenas os homens falam o português, já que as mulheres pouco ou nenhum contacto têm com os néo-brasileiros da área. Assim, as crianças, chegando à escola, nada ou pouco conhecem do nosso vocabulário. O encontro da frente de expansão néo-brasileira com os Tukúna criou nestes uma atitude de inibição ante o “civilizado”, uma “casca” protetora que, no caso dos escolares, não tem sido rompida pelos mestres. Por sua vez, as relações entre pais e filhos, tais como são estruturadas no sistema social da tribo, levam a criança Tukúna a não se ajustar à educação coercitiva posta em prática pelos mestres. Ademais, os padrões culturais tradicionais orientam-na para outras esferas que não a escola e não a motivam para o cumprimento dos horários e das tarefas escolares.

Os Xoklém constituíam uma tribo nômade, e a caça representava sua principal base econômica. Depois da pacificação, após bárbara campanha de perseguição e extermínio, e a fim de reduzir os efeitos negativos do contacto com os brancos, o SPI adotou uma técnica de controle das relações entre a tribo e as frentes pioneiras que se estabeleciam no vale do Itajaí do Norte e adjacências. Entretanto, isto não impediu que a tribo fôsse atingida por doenças letais — gripe, pneumonia, sarampo, etc. — e em breve a redução demográfica solapou as bases da cultura tradicional. Realizaram-se casamentos interétnicos e intertribais e os remanescentes da tribo foram envolvidos pela sociedade dos brancos. Com isto, o aprendizado do português passou a ser comum a todos os membros do grupo. A necessidade de adquirir mercadorias entre os “civilizados” e a de comercializar os seus próprios produtos, a par da orientação do SPI no sentido de transformar o grupo nômade-caçador em sedentário-agrícola, levou a população Xoklém a desistir de formar qualquer “casca” protetora de sua cultura.

Ao contrário dos Tukúna — talvez devido a sua mobilidade, a par de um provável processo de regressão cultural — as estruturas básicas da sociedade Xoklém eram extremamente fluidas<sup>4</sup>. Por isso não houve muita “resistência” da cultura tradicional, quando se impôs o processo de aculturação, e a segunda geração Xoklém, nascida após a pacificação, passou a aceitar a escola como necessária à sua sobrevivência. Atualmente não são apenas as relações interétnicas que motivam o aprendizado. A própria igreja Assembléia de Deus, que se instalou nas terras do Pôsto há uns oito anos, é constante motivadora do aprendizado, pelo menos enquanto êste se limita ao nível primário.

### 3. Observações finais

A — Quanto aos Tukúna:

a) A carga de estereótipos trazida pelos mestres e demais “civilizados” da área é responsável pela segregação das crianças Tukúna nos estabelecimentos de ensino e pela sua não-integração<sup>5</sup>.

b) Os professores participam dos estereótipos sobre os membros da tribo, apontando a estes como indivíduos “calados”, “complexados”, “difíceis de ser ensinados”. No entanto, sabemos que há Tukúna em verdadeira luta particular com as famosas cartilhas do ABC, e outros, desejosos de conhecer o que existe além do seu mundo tribal, o que se manifesta particularmente nas interrogações constantes que fazem ao estranho. Se, pois, a escola de Mariuaçu não logra aprovar seus alunos ou sequer alfabetizá-los, é porque os professores ignoram a cultura do grupo, não procurando adaptar os seus princípios educacionais às exigências específicas do meio.

A experiência do pastor de Santa Rita virá mostrar até que ponto a simples adoção do ensino bilingüe, sem quaisquer técnicas baseadas numa análise etnológica da cultura, é capaz de conduzir a resultados mais satisfatórios.

B — Quanto aos Xoklég:

a) O contacto controlado evitou que a cultura Xoklég criasse mecanismos de auto-defesa, apesar dos notórios preconceitos contra a população tribal mantidos por descendentes de imigrantes europeus radicados na área.

b) Essa situação possibilitou a sobrevivência da etnia, permitindo também que a escola, como entidade reguladora do processo de aculturação, tivesse aceitação e lograsse êxito razoável.

c) Os mestres que têm trabalhado entre os Xoklég conviveram por muito tempo com o grupo e aprenderam a sua língua. Embora não a utilizem em suas aulas, ela lhes facilita a compreensão dos problemas dos alunos.

\*

A situação da escola nesses dois grupos tribais revela que não pode haver rendimento enquanto não se orientar o processo educacional segundo normas adequadas às diferentes reações do aluno índio. Para tanto, o estreito convívio com a tribo e a familiaridade com a língua e as instituições tribais constituem requisitos indispensáveis. Mas estes, por si só, não garantem ensino eficiente, enquanto o professor se contentar em transpor para o meio tribal os métodos de ensino e educação utilizados nos estabelecimentos destinados a crianças do mundo civilizado.

Torna-se necessária a elaboração de princípios básicos para o ensino dos grupos tribais brasileiros, pois os programas do SPI são insuficientes para permitir aos mestres o cumprimento satisfatório de suas tarefas. Esses princípios seriam adaptados pelos mestres às realidades dos grupos tribais específicos. A elaboração de uma metodologia, a criação de cursos de aperfeiçoamento e de assistência técnica e pedagógica para o ensino

de minorias tribais seriam de grande valia para a orientação dos professores. Apenas desta forma a escola virá a funcionar como agente orientador do processo de aculturação.

## NOTAS

1) O A. visitou o Alto Solimões de julho a setembro de 1962 como integrante do grupo de pesquisa do prof. Roberto C. de Oliveira, do Museu Nacional. Estêve entre os Xoklêng em julho de 1963, quando desenvolvia uma pesquisa sôbre os grupos Jê em Santa Catarina.

2) A missão realizou estudos da língua Tukúna e traduziu alguns textos bíblicos e cânticos sacros para essa língua, à guisa de literatura para os futuros alfabetizados.

3) Dois alunos estão na terceira série, mas são "civilizados".

4) Veja-se Jules Henry, *Jungle People*, 1941.

5) A escola age, pois, como "fator convergente", segundo a terminologia de Roberto Cardoso de Oliveira, *O Processo de Assimilação dos Terêna*. Rio de Janeiro, 1960. Págs. 129 e segs.